UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE TEOLOGIA

MATEUS RENÊ DA SILVA

“O REFLEXO DA FACE DO PAI NO POÇO: JESUS E O ENCONTRO COM A MULHER SAMARITANA.”

Canoas
2017

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE TEOLOGIA

MATEUS RENÊ DA SILVA

"O REFLEXO DA FACE DO PAI NO POÇO: JESUS E O ENCONTRO COM A MULHER SAMARITANA".

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. CANOAS – RS.

Orientador: Prof. Me. Anselmo Ernesto Graff

Canoas
2017

MATEUS RENÊ DA SILVA

“O REFLEXO DA FACE DO PAI NO POÇO: JESUS E O ENCONTRO COM A MULHER SAMARITANA”.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. CANOAS – RS.

Data da apresentação: 05 / 11 / 2017

Orientador - Prof. Anselmo Ernesto Graff	Conceito
Arguidor – Prof. Douglas Flor	Conceito

A minha família, em especial a minha esposa Gissele e a minha filha Stéfany, que com muito carinho, amor e ternura sempre me apoiaram e incentivaram a ingressar e concluir este curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo perdão, vida e salvação através de Jesus Cristo.

À toda a minha família pelo incentivo, apoio, amor e carinho.

Ao Pastor Benjamim Jant que me incentivou e me levou a ingressar neste curso.

Ao Distrito Gaúcho Central e todos os seus departamentos pelo auxílio concedido. E à Paróquia Cristo Redentor, de Cachoeira do Sul – RS pelo auxílio e apoio.

A todos os que me auxiliaram com recursos para que pudesse continuar os meus estudos.

Aos Professores pelo ensino e companheirismo.

Ao meu Orientador pela atenção, paciência e companheirismo.

Aos demais colegas e amigos, de perto e de longe, pela ajuda e amizade nestes anos maravilhosos.

Muito obrigado!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo buscar subsídios teológicos para a teologia da Missão, através da análise exegética de um recorte do texto bíblico no Evangelho de João. O tópico de estudo foi a narrativa de João 4 e o encontro de Jesus com a mulher samaritana. Neste relacionamento pode se observar que um dos elementos principais que o texto oferece é o encontro de dois representantes de dois povos inimigos, que quebram estas barreiras culturais a partir do diálogo. Neste diálogo de Jesus e a mulher samaritana é apresentado um modelo de estratégia missionária para a igreja hoje. No presente trabalho foi utilizada uma metodologia de cunho teórico-qualitativa e através de uma pesquisa exploratória, almejou distinguir aspectos teológicos/bíblicos sobre o tema da missão à luz do encontro de Jesus com a mulher samaritana e sua ação após este encontro. Os resultados apontam para o fato de que a ação de Jesus com a mulher samaritana pode servir de modelo para a igreja desenvolver o seu papel missionário, especialmente na superação das diferenças étnicas-raciais e na confiança na proclamação das palavras de Jesus para conversão e fortalecimento da fé.

Palavras-Chave: Evangelho de João. Jesus. Samaritanos. Missão da Igreja. Contextualização.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) aimed to seek for theological contributions to the theology of Mission, through an exegetical analysis of a piece of the biblical text in the Gospel of John. The topic of study was the narrative of John 4 and the encounter of Jesus with the Samaritan woman. In this conversation may be observed that one of the main teachings that the text offers is the meeting of two representatives of two enemy peoples, who break these cultural barriers through the dialogue. In this dialogue of Jesus and the Samaritan woman is presented a model of missionary strategy for the church today. In the present work a theoretical-qualitative methodology was used and through an exploratory research, it aimed to distinguish theological/biblical aspects on the theme of the mission in the light of Jesus' encounter with the Samaritan woman and her action after this encounter. The results point to the fact that Jesus 'action with the Samaritan woman can serve as a model for the church to develop its missionary role, especially in overcoming ethnic-racial differences and trust in the proclamation of Jesus' words for conversion and empowerment of faith.

Key-words: Gospel of John. Jesus. Samaritans. Mission of the Church. Contextualization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1. O ENCONTRO DE JESUS COM A MULHER DE SAMARIA E SUAS DECORRÊNCIAS: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE JOÃO 4.1-18 E JOÃO 4. 39-42. 11

1.1 ASPECTOS LITERÁRIOS E CULTURAIS DA NARRATIVA DE JESUS E DA MULHER DE SAMARIA 13

1.2 EXEGESE DE JOÃO 4.1-18 E A FACE DE DEUS 17

1.3 REFLEXÕES EXEGÉTICAS DE JOÃO 4.39-42 E OS RESULTADOS DO ENCONTRO COM JESUS 26

2. A AÇÃO DE JESUS COMO MODELO DA MISSÃO DA IGREJA NO SÉCULO XXI 30

2.1 O EXEMPLO DE JESUS EM SEU “ESVAZIAMENTO” 36

2.2 A MISSÃO DE JESUS E A ADORAÇÃO EM ESPÍRITO E EM VERDADE .37

CONSIDERAÇÕES FINAIS 41

BIBLIOGRAFIA 43

INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa deste trabalho é a narrativa de João 4 e o encontro de Jesus com a mulher de Samaria. O alvo é investigar este texto bíblico na perspectiva da missão de Deus, de forma particular extrair subsídios para o debate teológico da missão, tanto em relação a face de Deus apresentada na missão, bem como possíveis decorrências evangelísticas na vida das pessoas após o encontro com o Salvador Jesus.

Considera-se que é de total importância a reflexão teológica sobre a missão na vida da igreja cristã, tanto em relação ao objeto e conteúdo da missão, o próprio Deus, pai do Salvador Jesus e os instrumentos pelos quais Deus continua fazendo e são o alvo de sua missão no mundo, as pessoas.

Da perspectiva de Deus como missionário, existe clareza no sentido de que não há participação em Cristo sem a participação na sua missão aqui no mundo. A partir do conceito de *Missio Dei*, construído em 1952, não há como a Igreja não se envolver com a missão, pois é a missão do próprio Deus (VICEDOM, 1996; SCHULZ, 2009). Neste sentido, existe um consenso de que é teologicamente indefensável a separação entre Igreja e missão (NEWBIGIN, 1995). Assim, “[...] não cabe à Igreja decidir se ela quer fazer missão, mas ela só pode decidir se quer ser Igreja” (VICEDOM, 1996, p.16).

Porém, isto não significa que não haja problemas. Há questões relacionadas à conceituação, ao alcance e amplitude da missão da igreja de Cristo e de seu povo. Há problemas a serem debatidas no que diz respeito ao multiculturalismo, ao envolvimento dos cristãos na evangelização e outros detalhes que tornam o tema objeto de constante análise. Bliese, Van Gelder et.al (2005) abordam a questão de desenvolver uma cultura evangelística eclesial, no sentido de que cada filho regenerado de Cristo se perceba dentro do campo missionário de Deus. Valleskey (2004) entende que é preciso formatar em cada membro do corpo de Cristo uma mentalidade missionária e que no seu dia a dia ele esteja pronto para falar no que crê.

A propósito, Martinho Lutero foi criticado por não ter tido uma ideia de missão, mas os estudos Öberg (2007) e Stolle (2003), apontam para o fato de que o

Reformador não só tinha a mentalidade missionária, como desenvolvia a ideia de que cada filho regenerado de Deus não só tinha o direito de falar de Cristo para outras pessoas, mas também o dever.

Assim, este trabalho visa continuar no debate teológico sobre a missão, analisando a narrativa bíblica de João 4 e o encontro de Jesus com a mulher de Samaria. Para tanto, será feita uma exegese dos versículos 1-18 e dos versículos 39-42, tentando buscar reflexões que auxiliem na reflexão missiológica. Em seguida, com as ponderações retiradas da exegese bíblica, pretende-se desenvolver um estudo em torno da questão relacionada à ação de Jesus com a mulher samaritana e como isto pode servir de modelo para a missão da igreja hoje.

Vale ressaltar que a hermenêutica empregada na apresentação da exegese é denominada de histórico-gramatical e cuja característica é a observação da gramática do texto, o sentido simples da passagem bíblica bem como seu contexto literário e histórico (LOPES, 2013).

Este trabalho é de cunho teórico-qualitativo e através de uma pesquisa exploratória busca distinguir aspectos teológicos/bíblicos sobre o tema da missão à luz do encontro de Jesus com a mulher samaritana e sua ação após este encontro.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa utilizará como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e documental. No processo desta análise, seguiram-se os seguintes passos: a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação de fontes de pesquisa; d) localização do material; e) compilação sistemática das referências bibliográficas; f) fichamento; g) levantamento das informações obtidas e h) redação (MARCONI, LAKATOS, 2010).

1 O ENCONTRO DE JESUS COM A MULHER DE SAMARIA E SUAS DECORRÊNCIAS: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE JOÃO 4.1-18 E JOÃO 4. 39-42.

De forma geral o Evangelho de João talvez seja o mais usado pelos cristãos de todos os tempos (CARSON, 2007, p. 23). Para outros, este Evangelho chega a ser considerado o livro mais valioso da Bíblia (BARCLAY, 1955 p.2). Diante de todas abordagens que podem ser feitas, uma coisa que não deve ser esquecida é que o Evangelho segundo João, como o chamava a Igreja Antiga, é realmente o Evangelho pleno, integral e escrito para mostrar Jesus aos leitores, de tal modo que sua fé possa agarrar-se nele e encontrar no Filho de Deus o caminho, a verdade e a vida (BOOR, 2002, p.14).

Muitos estudiosos já tentaram apresentar o principal propósito do livro, e a marca principal parece ser justamente a evangelização, uma faceta da missão da Igreja (MACCINI 1994, p. 35). Algo interessante a ser observado é que:

> No Evangelho de São João, a missão de Deus (*missio Dei*) é externalizada para a compreensão humana de um modo contextual através de encontros históricos, relacionais, realçando um amplo diálogo teológico e buscando a transformação da pessoa humana na plenitude da humanidade perfeita, que tem em Jesus o seu representante (Jo 1,14) (DUARTE 2016, p. 121).

Talvez um dos motivos que levam estes estudiosos a destacarem o caráter missionário do livro como principal propósito, seja a afirmação que o próprio evangelista destaca “Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (Jo. 21.24), pois o que podemos observar neste versículo que João não chama seu livro de Evangelho “εὐαγγέλιον”, mas testemunho “μαρτυρία” (MACCINI 1994, p.35).

> Finalmente, vários comentadores adotam o que se poderia chamar de abordagem sintética. As melhores sugestões de outro (ou o que parecem sê-lo) são combinadas, de modo que o objetivo do evangelho de João é evangelizar judeus, evangelizar helenistas, fortalecer a igreja, catequizar novos convertidos, gerar material para a evangelização dos judeus e assim por diante (CARSON 2007, p.90).

Mesmo com a identificação deste caráter evangelístico, Carson (2007, p.90) diz que o seu verdadeiro propósito pode ser encontrado no próprio livro, não precisando ir muito longe para buscar uma interpretação adequada, pois nas palavras do evangelista João está informando o objetivo do livro: “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo. 20.30,31).

> Essa impressão é confirmada pela sólida evidência sintática de que a primeira cláusula de seus propósitos em 20.31 deve ser interpretada “que vocês devem acreditar que Cristo, o Filho de Deus, é Jesus”. Assim, a questão fundamental do quarto evangelho não é: “Quem é Jesus?”, mas: “Quem é o Messias? Quem é o Cristo? Quem é o Filho de Deus?”. Em seu contexto, essas são questões de identidade, não de tipo, isto é, a questão: “Quem é o Cristo?”, não deve, aqui, ser interpretada como se significasse: “Sobre que tipo de ‘Cristo’ vocês estão falando?”, mas: “Vocês afirmam saber quem é o Cristo...”. (CARSON, 2007, p. 91).

Para João a criação da fé que leva à vida eterna reside neste propósito, pois a vida eterna não é simplesmente algo que o crente herdará na sua morte ou que receberá na segunda vinda de Cristo, mas é algo que já faz parte da vida do crente, algo que por meio da fé o mesmo já possui (SCAER, 2003, p. 3).

> Jesus deixa claro isso quando diz: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, . . . passou da morte para a vida "(5.24). Pois o crente tem mananciais de água viva que fluem do seu interior (4.14). Na verdade, aquele que "vive e crê em [Cristo] nunca morrerá" (11.26). Mais do que qualquer outro evangelista, João quer que entendamos isso: que a vida eterna já pertence a todos aqueles que confiam naquele que é "o Caminho, a Verdade e a Vida "(14:.6). Como a vida eterna é uma realidade presente, podemos definir que esta realidade já faz parte da vida do crente (SCAER, 2003, p.3 – tradução nossa).

Por isso, é importante destacar que o Evangelho de João não é só evangelístico em seus objetivos (que era uma vertente dominante até o século XX, quando apenas poucas pessoas o defendiam), mas que o mesmo busca também mostrar quem Jesus é, e ao mesmo tempo em que Jesus é conhecido, ocorre a evangelização (CARSON 2007, p.91).

1.1 ASPECTOS LITERÁRIOS E CULTURAIS DA NARRATIVA DE JESUS E DA MULHER DE SAMARIA

Ao analisar o capítulo quatro de João, pode-se observar que esta narrativa é própria do quarto Evangelho e que não há paralelos nos demais, uma vez que este Evangelho tem como alvo a obra messiânica do Filho de Deus (ARAUJO 2016, p. 233). No decorrer do Evangelho, João descreve o céu como uma festa de casamento em que Cristo é o noivo e a igreja é a Sua noiva, por isso não é de se surpreender que nesta narrativa muitos estudiosos veem a ação de Jesus como um tipo de namoro que leva ao casamento (SCAER 2003, p. 5). Porém, ao dizer que a narrativa de João 4 se configura com uma história de casamento, não se quer afirmar que Jesus se casou com a mulher samaritana, mas afirmar que se tem na história o relato do casamento não só da mulher com Jesus, mas dos samaritanos com a fé cristã (LIMA 2010, p. 137).

Discussões já foram levantadas quanto ao nome da mulher samaritana, levando muitos a pensarem se sua existência é real ou fictícia, uma vez que o seu nome não é fornecido na narrativa e simplesmente chamada de “mulher de Samaria” ou “mulher samaritana” (KOESTER 1995, p. 48). Todavia, deve-se destacar que o fato de não receber um nome particular, não é algo estranho no quarto Evangelho, pois pode-se observar que alguns personagens neste Evangelho não recebem nomes e outros, que recebem identificação, expressam no seu nome a função que exercem. No Evangelho de João os personagens e os lugares não são aleatórios, mas desempenham importantes funções que ajudam a construir a teologia e o caráter missiológico do mesmo[1] (ARAUJO 2016, p. 233).

Quanto à estrutura do capítulo quatro, pode-se destacar que este se desenvolve em forma de uma narrativa onde o autor relata um acontecimento entre Jesus e a mulher samaritana e as consequências deste encontro. Ao observá-lo como um todo, o caráter dramático fica evidente no desenvolvimento da narrativa. Esta natureza dramática é observada por vários autores que a comparam com a imagem de um palco de teatro onde se desenvolve uma grande cena. Olhando

[1] Pode-se observar, por exemplo, que o nome da Mãe de Jesus não é mencionado em nenhum lugar do Evangelho, mas que a mesma aparece apenas na função de “mãe”. Por outro lado, Filipe é mencionado pelo nome, cujo nome indica tem o propósito de expressar a função que o mesmo exerce.

desta forma, pode ser observada a movimentação dos “personagens” que entram e saem do “palco”, de uma maneira clara e coreográfica (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 59). Com esta imagem em mente Weinrich (2015, p. 469), esboça este capítulo da forma conforme exposta no quadro 01.

Quadro 1: Estrutura do Capítulo quatro de João

<table>
<tr><th colspan="2">Texto</th><th colspan="2">Cena</th></tr>
<tr><td colspan="2">João 4.4-6</td><td colspan="2">A montagem da cena</td></tr>
<tr><td colspan="2">João 4.7-30</td><td colspan="2">O discurso de Jesus com a mulher samaritana</td></tr>
<tr><td>João 4.7–8</td><td>João 4.9–15</td><td>João 4.16–26</td><td>João 4.27–30</td></tr>
<tr><td>A mulher samaritana vem; os discípulos saem</td><td>As palavras de Jesus concernentes à “água viva”</td><td>As palavras de Jesus concernentes ao culto em “Espírito e Verdade”.</td><td>Transição: os discípulos retornam, e a mulher sai</td></tr>
<tr><td colspan="2">João 4.31–42</td><td colspan="2">Jesus vem como missão ao mundo</td></tr>
<tr><td colspan="2">João 4.31–38</td><td colspan="2">João 4.39–42</td></tr>
<tr><td colspan="2">Jesus fala aos discípulos: a colheita está pronta</td><td colspan="2">Os samaritanos chegam e confessam: Jesus é o Salvador</td></tr>
</table>

Fonte: Autoria própria, com base em Weinrich (2015)

Olhando desta forma, também deve ser observado que nos versículos finais acontecem duas cenas ao mesmo tempo. Em uma cena acontece o diálogo de Jesus com os discípulos, enquanto que na cena ao lado acontece o diálogo da mulher com o povo de Sicar, onde ela os convida a vir ver Jesus. Para o encerramento da peça, os dois grupos se juntam e se mudam para a cidade, onde a cena conclui com um coro final dos homens de Sicar confessando ser Jesus o “Salvador do mundo”, resumindo o tema e propósito da peça (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 59).

Quanto à localização do poço de Jacó e a região onde está localizada a cidade de Sicar, a narrativa apresenta informações de que o poço ficava a uns oitocentos metros da cidade de Sicar. Em Gênesis 33.19, há uma referência à compra de uma propriedade que Jacó fez nesta região. Terra esta, que Jacó deu a

seu filho José (Gn 48.22) e que Jacó também foi enterrado, conforme Josué 24.32 (CARSON, 2007, p. 217-218). Mesmo que as pessoas de Sicar estavam convictas de que Jacó construiu este poço, bem como utilizou desta água para seu consumo próprio e de sua família, não há nenhuma referência no relato bíblico de que Jacó tenha cavado um poço. Talvez o motivo do nome “poço de Jacó”, seja mais em função de uma ligação por este poço estar em cima das terras que pertenciam a Jacó (BOOR, 2002, p. 62; MORRIS, 1995, p. 227).

A relação entre judeus e samaritanos está bem expressa em João 4.9. A sua inimizade já era de longa data. A primeira causa da sua inimizade era a questão racial. Por volta do ano 722 a.C a Samaria foi conquistada pela Assíria, e os assírios deportaram os samaritanos da sua terra e os substituíram por pessoas de várias regiões, de Hamat e de outras cinco regiões (2 Reis 17.23-24). Estes estrangeiros trouxeram consigo seus costumes culturais e suas religiões, junto com os seus próprios deuses (2 Reis 17.29-31). Mais tarde estas pessoas se mesclaram com o restante da população israelita sobrevivente nesta região, inclusive na religião, quando acrescentaram a adoração a Javé às suas outras práticas religiosas, ou seja, houve um sincretismo religioso entre este povo (2 Reis 17.25,28, 32-33 e 41). Com o tempo, seu politeísmo desapareceu, adorando somente ao Senhor, embora sua religião tivesse algumas peculiaridades. Da mistura destes cativos com israelitas surgiu a população mista conhecida como samaritana. E essa mescla de tradições e culturas foi um dos motivos de sua inimizade. Os israelitas não o consideravam mais como parte do povo de Israel, pois para eles o verdadeiro Israel era o remanescente restaurado de Judá (HAACKER, 2000, p. 2233-2234; BRIGHT, 1978, p. 369; MORRIS, 1995, p. 226).

Mas o rompimento final desta relação aconteceu quando os samaritanos adotaram o pentateuco como única parte canônica do Antigo Testamento no fim do segundo século a.C. Porém, o evento específico e mais importante foi a construção do templo a Javé no monte Gerizim. Esta iniciativa de construção partiu dos sacerdotes que foram excluídos de Jerusalém, porque seus casamentos haviam sido rejeitados por se considerarem mistos. A partir destas divergências culturais e teológicas os samaritanos surgiram como uma seita religiosa distinta, completamente alheia à dos judeus (HAACKER, 2000, p. 2235; LASOR, 1999, p. 679). Sobre esta mescla de culturas e religiões na formação da população

samaritana, Koester faz uma comparação bastante importante à vida da mulher samaritana:

> A história pessoal da mulher é paralela à sua história nacional. Os samaritanos não eram somente descendentes de Jacó; sua ascendência foi mesclada. Os assírios que conquistaram a região em 721 a.C. trouxeram colonos de cinco nações estrangeiras para Samaria (2 reis 17.24). [....] A história pessoal da mulher de casamento com cinco maridos e a convivência com um sexto é paralelo à história colonial de Samaria (KOESTER, 1995, p. 49 – tradução nossa).

Quanto à figura da mulher no contexto judaizante, da época, ela está sempre sujeita a autoridade de um homem. O seu valor e a sua honra consistem em apenas dar à luz filhos. A mesma era excluída de todas atividades de culto, pois consideravam que ela facilmente se entregava a idolatria (VORLÄNDER, 2000, p. 1334). Quanto ao falar com uma mulher, Barclay destaca que:

> “Os rabinos estritos proibiam que um rabino saudasse uma mulher em público. Um rabino nem sequer podia falar em público com sua própria mulher, sua filha ou sua irmã. Até havia fariseus ao quais se apelidavam: "Os fariseus machucados e sangrantes" porque fechavam os olhos quando viam uma mulher pela rua e assim batiam a cabeça em paredes e casas! Para um rabino o fato que o vissem falando em público com uma mulher significava o fim de sua reputação, e, entretanto, Jesus falou com esta mulher”. (BARCLAY, 1955, p. 164-165)

E um dos principais motivos desta distância mantida entre homens e mulheres em público tem muito a ver com o culto judaico, que não permitia manter contato com as mulheres em público. Aos homens cabia evitar contrair acidentalmente a impureza de uma mulher menstruada, tornando o homem incapaz de participar nas atividades de culto (MACCINI, 1994, p. 39).

Diferente dos conceitos judaicos, os samaritanos mesmo observando os códigos rituais do pentateuco, não era idêntica ao povo judeu. Entre os samaritanos, as leis sobre o contato com mulheres menstruadas não eram observadas com tanto rigor (MACCINI, 1994, p. 40).

Quanto ao testemunho feminino, principalmente no ambiente judaico, não possuía credibilidade alguma (ARAÚJO, 2016, p. 245). No entanto, entre os samaritanos isso também era visto de forma diferente. Maccini (1994, p. 43) destaca

que assim como os samaritanos aderiram estritamente o pentateuco, o qual não contém nenhuma exclusão quanto ao testemunho da mulher, é bem provável que as mulheres samaritanas tinham a mesma credibilidade dos homens para testemunhar. Por aderir unicamente o pentateuco,

> "Dt. 31.12 indica que a prática samaritana de educar crianças de ambos os sexos nas tradições da Lei e cultura Samaritana não são uma inovação, mas provavelmente remonta às suas origens". (MACCINI, 1994, p. 41 – tradução nossa)

Quanto ao horário que a mulher veio buscar água, Carson (2007, p. 218), afirma que uma mulher samaritana vir tirar água ao meio dia, a hora mais quente do dia, era algo fora do comum. Mas, para esta mulher, seria o horário mais propício, devido a situação moral que vivia. As mulheres do oriente médio normalmente buscavam água pela manhã, bem cedo e ao entardecer, para escapar do calor. A mulher samaritana tinha má reputação e pode ter ido encher seu jarro ao meio dia para não se encontrar com outras mulheres, que eventualmente poderiam despreza-la.

Conforme foi exposto acima, existem aspectos literários e culturais significativos envolvidos na compreensão do Evangelho de João e mais especificamente do texto em estudo neste trabalho. O próximo passo é adentrar no texto bíblico de João 4.1-18 e analisar exegeticamente o encontro de Jesus com a mulher samaritana.

1.2 EXEGESE DE JOÃO 4.1-18 E A FACE DE DEUS

> *Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim seus discípulos), deixou a Judeia, retirando-se outra vez para a Galileia.*
> *E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria. Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto que Jacó dera a seu filho José. Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viajem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. Então, lhe disse a mulher samaritana: como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)? replicou-lhe Jesus: se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe*

> *pedirias, e ele te daria água viva. Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens como que tirar, e o poço é fundo, onde, pois, tens a água viva? És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado? Afirmou-lhe Jesus: quem beber desta água tornará a ter sede, aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui busca-la. Disse-lhe Jesus: vai, chama teu marido e vem cá; ao que lhe respondeu a mulher: não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. (Jo. 4.1-18)* [2]

De início pode-se destacar que o presente capítulo de João parece que forma uma unidade independente dentro do livro de João. Ao olhar o livro como um todo, observa-se que este capítulo está intimamente ligado com os eventos dos capítulos anteriores (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 57). O capítulo abre com a comparação de Jesus com João Batista, um tema proveniente de João 3.22-36. Esta comparação aparentemente fornece a base para a viagem de Jesus para a Samaria (PAINTER, 1991, p. 58). Carson (2007, p.141-150) chega a destacar que os capítulos 1-10, formam uma unidade a tal ponto que todas as cenas que são relatadas têm como objetivo apresentar quem é Jesus e qual sua função, ou seja, a função de fornecer uma auto revelação de Jesus. Ao observar desta forma os capítulos de João, como intimamente ligados, pode-se perceber que:

> João talvez tenha a intenção de fazer um contraste entre a mulher dessa narrativa e Nicodemos do capítulo 3. Ele era um erudito, poderoso, respeitado, ortodoxo, teologicamente preparado; e ela era inculta, sem influência, desprezada, capaz somente da religião popular. Ele era um homem, um judeu, um líder; e ela era uma mulher, uma samaritana, pária moral. E ambos necessitavam de Jesus. (CARSON, 2007, p. 217)

Bastante curioso é a forma em que João inicia o capítulo, pois no anterior Jesus estava na Judeia, e a próxima cena (cap. 4) se desenvolve no território samaritano. É bastante interessante notar que para realizar esta mudança de cena, João insere uma breve seção (v.1-3) para explicar esta alteração. Esta curta passagem tem o propósito de dizer o porquê de Jesus ter deixado a Judeia rumo a Galileia (MORRIS, 1995, p. 222; WEINRICH, 2015, p. 466). Bailey (2016, p. 203),

[2] Este texto bíblico e os demais citados neste trabalho seguem a Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada.

afirma que um dos motivos para a saída de Jesus seria para evitar a discórdia entre os seus discípulos e os discípulos de João.

Algo interessante a ser destacado nos versículos 1-3, é a expressão que João usa no versículo 1, “fazer discípulos” (ποιέω μαθητάς), que é única no Novo Testamento. Em todas as outras passagens bíblicas em que a expressão é usada, ela é construída de outra forma (ἐποίησεν δώδεκα em Marcos 3.14 e μαθητεύσατε em Mateus 28:19). Talvez um dos motivos do termo ser construído desta forma, é para destacar o aspecto missiológico do Evangelho de João, “visto que neste texto o termo faz parte de um relato aos fariseus, por isso a expressão provavelmente tem o sentido geral de ganhar seguidores” (WEINRICH, 2015, p. 455).

Mesmo existindo outros caminhos para ir em direção a Galileia, Jesus pega o caminho mais curto para seguir rumo ao seu destino, (CARSON, 2007, p. 216). Não que com esta atitude Jesus demonstre pressa em chegar, mas neste Evangelho, como nos sinóticos, a vontade divina está presente nas necessidades de Jesus. Jesus não só passa pela Samaria por segurança e por ser o caminho mais curto, mas para realizar o trabalho que lhe foi atribuído pelo Pai (v. 32,34) (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 58). Carson (2007, p. 216) sugere que as palavras “era necessário” (ἔδει) refletem a ordem divina dada a Jesus e não a geografia do local.

> “Okure argumenta que uma interpretação missiológica é melhor. “Era necessário” (ἔδει) refere-se à vontade divina de que Jesus cumpre o trabalho da sua missão: “Em suma, seus encontros em Samaria formam parte da sua missão divina outorgada pelo Pai (4.23)” (OKURE apud WEINRICH, 2015, p. 468 – tradução nossa).

Na forma de linguagem deste versículo, há uma coincidência interessante com uma declaração de Josefo, na qual ele escreve que era o “costume” (ἔθος) dos galileus viajarem através de Samaria rumo aos festivais em Jerusalém. A viajem da Galileia para Jerusalém levava três dias, mas para que a viajem fosse mais rápida, “era-se necessário” (ἔδει) passar por Samaria (Josephus, *Ant.* 20.118; cf. Josephus, *J.W.* 2.232 apud WEINRICH, 2015, p. 468).

Tendo que passar por Samaria, Jesus chega em uma cidade chamada Sicar, perto do terreno que Jacó havia dado ao seu filho José. A sua chegada ao poço de Jacó (v. 5-6) prepara o palco para o encontro de Jesus com a mulher samaritana e o desenvolvimento do presente capítulo decorrente deste encontro (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 58).

Cansado da viagem, Jesus senta-se ao lado do poço[3] para descansar (v. 6). Interessante que o verbo usado para indicar o cansaço de Jesus (κοπιάω), indica a natureza humana de Jesus, que conhece o cansaço e busca o descanso. A sua humanidade é tão evidente quanto sua divindade (BOOR, 2002, p. 62, BAILEY, 2016, p. 203, MORRIS, 1995, p. 228).

Weinrich (2015, p. 468), também destaca que neste versículo o sentido mais claro do verbo é de simplesmente dar realismo à cena, se referindo ao cansaço físico de Jesus, assim como é a informação que já era meio dia. Mas, também deve ser observado o sentido missiológico do verbo em outros contextos, pois:

> (κοπιάω) ocorre mais de uma vez no Evangelho de João. Em Jo 4.38 (“laborar, trabalhar”), naquilo que é claramente um contexto missiológico, visto que é virtualmente um termo técnico de Paulo para o labor missionário dele mesmo e de outros (WEINRICH, 2015, p. 468 – tradução nossa).

Era meio dia e enquanto seus discípulos foram à cidade comprar alguns alimentos, Jesus ficou sentado sozinho ao lado do poço para descansar. No entanto, Jesus não consegue descansar, pois neste momento entra em cena uma mulher samaritana que veio ao poço para tirar água (BOOR, 2002, p. 63; MORRIS, 1995, p. 228). Por estar sozinho e com sede, Jesus surpreende a mulher com seu pedido “dá-me de beber”. Seu pedido é rejeitado pela mulher, pois a mulher responde a Jesus olhando para as suas diferenças étnicas e religiosas, as quais o separavam os dois povos, ou seja, as tornavam povos inimigos (WEINRICH, 2015, p. 471). A antipatia que existia entre judeus e samaritanos estava claramente estampada na resposta dada pela mulher (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 59). "O que? Você é

[3] A frase ἐπὶ τῇ πηγῇ deve ser traduzida como “*ao lado* do poço” e não “*sobre* o poço”. No mundo antigo não se havia anéis construídos ao redor do poço. Eles eram buracos no chão, talvez cobertos por madeira ou pedra (WEINRICH, 2015, p. 459).

judeu e você pede uma bebida para mim, uma Samaritana!" (v 9). Interessante o que Morris destaca:

> Que ele deveria pedir para uma mulher água talvez não foi tão surpreendente para a samaritana, já que eram mulheres que geralmente tiravam água. Mas esse pedido particular envolveu o uso do utensílio da mulher samaritana, e os judeus deveriam ser muito cuidadosos sobre a contração de impureza[4]. (MORRIS, 1995, p. 228 - tradução nossa).

Por causa de sua inimizade jamais um judeu comeria na casa de um samaritano, por considerarem impuro e terem medo de uma contaminação. E, provavelmente, este medo era intensificado quando este samaritano fosse uma mulher. Pois, na concepção dos judeus, as filhas dos samaritanos menstruam desde o berço, o que as tornava em um estado constante de impureza cerimonial. Por isso, "a surpresa da mulher samaritana é, portanto, inteiramente compreensível: Jesus era um judeu, e ela era, além de samaritana, mulher" (CARSON, 2007, p. 218; MACCINI, 1994, p. 39).

Mesmo com esta resposta da mulher, Jesus não dá atenção para estas diferenças, nem responde à pergunta da mulher do porquê dele, um judeu, pedir uma bebida a uma mulher samaritana (WEINRICH, 2015, p. 471). Mas Jesus imediatamente leva a conversa para um plano superior e muda totalmente o foco da conversa ao falar sobre o "dom de Deus" e a "água viva", ambos com conexão com o Espírito. Tanto o dom de Deus como a água viva estão intimamente ligados à ação do Espírito Santo, a quem ele (Jesus) enviaria (MORRIS, 1995, p. 229-230; WEINRICH, 2015, p. 471). Weinrich destaca que Jesus ao falar no dom de Deus quer mostrar que:

> O substantivo "dom" (δωρεά, Jo 4.10) enfatiza a ideia de graça: o dom é livremente entregue, sem constrangimento. O dom é "de Deus" (τοῦ θεοῦ, genitivo subjetivo). Em Jo 4.12, a mulher falará do poço que "nosso pai Jacó" "deu" (ἔδωκεν). Implicitamente, portanto, o dom que Deus dá é o dom que o Pai de Jesus dá. Como o judeu tinha um pai em Abraão, da mesma maneira o samaritano o tinha em Jacó. Na vinda de Cristo, ambos, judeus e samaritanos, são oferecidos a um novo e espiritual Pai, o Pai do céu, de quem Jesus é Filho (Jo 4.23–24; cf. Jo 8.52–58). Assim como o nascimento "de cima" (Jo 3. 3, 7) transcende aquele nascimento que é da carne (Jo

[4] Os judeus não usam pratos que os samaritanos usaram. Esse, provavelmente, é o significado do texto grego: embora o verbo συγχρῶνται possa significar 'associar-se com', ele geralmente significa 'usar junto com', em que se entende o objeto a partir do contexto (CARSON, 2007, p. 219).

> 1.12–13), e que então é oferecido a todos sem nenhuma distinção humana, o dom de Deus transcende aquele dom de Jacó que deu aos samaritanos a sua identidade. O dom de Deus é universal, aberto a todos, precisamente porque é oriundo de Deus (WEINRICH, 2015, p. 471 – tradução nossa).

Deve-se destacar que Jesus ao oferecer água viva, também ofereceu dois significados à mulher. Por um lado, no contexto judaico poderia significar água fresca e corrente tirada de uma fonte, mas por outro lado a expressão oferece um significado metafórico (CARSON, 2007, p. 220). Como foi mencionado antes, a ligação existente entre este capítulo e os capítulos anteriores, pode-se perceber que a conversa de Jesus com a mulher samaritana segue o mesmo esquema da conversa de Jesus com Nicodemos. E o interessante é que, assim como Nicodemos fez, a mulher também tomou as palavras de Jesus no sentido literal, quando devia compreendê-las no sentido espiritual (BARCLAY, 1955, p. 165). Da mesma forma, à mulher samaritana Jesus oferece o Espírito simbolizado pela água que em Caná tinha sido simbolizado pelo vinho (cf. Jo 2.9) (PINTO, 2014, p. 39).

Na forma da mulher tratar Jesus de “Senhor”, não tem nenhum sentido cristológico, mas um jeito respeitoso de falar com outra pessoa e uma maneira de colocar uma barreira entre eles. Ao falar com Jesus, a mulher aponta para a sua incapacidade de tirar água deste poço. Jesus não tinha nenhuma vasilha para tirar água. Onde pode conseguir esta água viva? Perguntou a mulher. Podemos perceber pela resposta da mulher, a forma como ela interpretou o que Jesus lhe disse. Para ela as palavras de Jesus se referem a mesma água que ela veio buscar (CARSON, 2007, p. 220; BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 59).

Também deve-se destacar que para a mulher as afirmações de Jesus pareciam indicar que era maior que o seu pai Jacó, o que para ela era impossível. Na sua ação em responder a Jesus, pode-se perceber a sua indignação. “Como se atreve um judeu estranho querer ser melhor que nosso antepassado?” Na sua resposta pode-se perceber que ela está convicta de que Jesus não pode ser maior que seu pai Jacó (MORRIS, 1995, p. 231).

Mesmo a pergunta da mulher ser bastante provocativa e até desdenhosa, Jesus não a deixa sem resposta. Porém, Jesus continua a falar com ela usando a metáfora da água (BOOR, 2002, p. 64). E mesmo sem a mulher entender, na sua resposta, Jesus mais uma vez se deixa identificar quem ele é, pois, o dom de Deus

é aquele que está falando com a samaritana, ou seja, são a mesma coisa. Por isso, a ação de Jesus em dar a água viva faz ele igual a Deus, o Pai, como doador do Espírito (WEINRICH, 2015, p. 477). "Se você soubesse o dom de Deus, isto é, se você soubesse o que Deus está dando, então você saberia coisas eternas e incorruptíveis e você me conheceria. Por ser Deus, posso dar essas coisas a você " (OKURE apud WEINRICH, 2015, p. 478).

Há também um contraste entre o beber a água do poço com as consequências do receber da água dele. Pois, a água do poço de Jacó, pode matar a sede no momento, mas não pode evitar que a sede volte novamente. A água viva que Jesus dá é totalmente diferente, pois aqueles que a recebem estão permanentemente satisfeitos. A água viva torna-se neles um fluxo vigoroso para a vida eterna (CARSON, 2007, p. 220; MORRIS, 1995, p. 231). Mas diferente desta sede natural e física que o poço de Jacó pode saciar, Jesus está falando de outra sede.

> Essa sede não é de água natural, mas de Deus, da vida eterna na presença de Deus; e sacia-se a sede não pela remoção desse doloroso desejo, mas pelo derramamento do Espírito. De fato, essa água se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna (v. 14) - claramente uma referência ao Espírito que, só ele, dá vida (Jo 6.63) (CARSON, 2007, p. 220-221).

Pode-se comparar a resposta da mulher com a resposta de Nicodemos (João 3). Tanto no diálogo de Jesus com a mulher, como com Nicodemos, é mostrado falta de compreensão (3.4, 9; 4.11-12). A mulher está completamente perdida e sem entender nada. Assim como Nicodemos interpretou totalmente errado as palavras de Jesus sobre o nascimento, a mulher pensou na oferta de água de Jesus de uma maneira que ela não conseguiu entender seu simbolismo. Pode-se observar que em ambos os casos a correção de Jesus foi necessária e é fornecida pelas palavras de esclarecimento de Jesus (3.10-15; 4.13-14) (WEINRICH, 2015, p. 478; PAINTER, 1991, p. 63).

Mesmo com Jesus tentando mostrar o verdadeiro significado da água que Ele estava oferecendo, a mulher samaritana não estava compreendendo nada do que Jesus estava dizendo. Ela ainda estava pensando na água no sentido literal, água esta que ela buscava todos os dias para saciar a sua sede. Talvez por este

motivo que em um ato que podemos chamar de empolgação, ela pede que Jesus lhe dê desta água, para que assim ela não precisasse vir todos os dias ao poço para buscar água (WEINRICH, 2015, p. 478; BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 61). Pode-se perceber que a sua preocupação não está ligada a uma relação espiritual, mas com as suas necessidades, o que seria bom para sua vida cotidiana. Para ela seria muito bom não precisar vir frequentemente ao poço para buscar água para suprir suas necessidades. Embora sendo impossível, para ela isso seria agradável, pois seria uma comodidade não precisar vir mais ao poço, talvez até por causa de sua realidade moral (MORRIS, 1995, p. 233).

Após a resposta da mulher, percebe-se uma mudança de assunto que parece estar um pouco fora de contexto, pois Jesus diz a mulher: “vai, chama teu marido e vem cá” (v 16). Ao olhar este pedido de Jesus, parece-nos não haver conexão com o diálogo que precede (MORRIS, 1995, p. 234). Pois Jesus, ao perceber que a mulher ainda continua sem saber quem ele é, e interpretar completamente errado o sentido da água da vida, Jesus muda o foco do diálogo e decide escandaliza-la mais uma vez, apresentando sua realidade de vida, ou seja, a mulher se viu a si mesma (BARCLAY, 1955, p. 169). Carson (2007, p. 221) destaca que Jesus ao dar este choque de realidade na mulher, ao exibir a vida conturbada e moralmente desordenada que ela levava, não quer somente demonstrar quem realmente ele é. Ao falar de sua vida, ele quer leva-la a compreender a sua real necessidade e a profundidade do verdadeiro significado do dom que ele está oferecendo (CARSON, 2007, p. 221). Pois, de forma alguma Jesus quer julgar a mulher tratando com algum desprezo pela forma de vida que ela estava vivendo, mas “Jesus quer conceder-lhe o que somente ele tem para dar” (BOOR, 2002, p. 64).

Algo bastante interessante e que deve ser observado na transição destes dois versículos (v 15-16), é que mesmo se mostrando bastante difícil esta transição de assuntos, o que faz com que exegetas destacam não haver nenhuma conexão entre os textos, Weinrich destaca que:

> Em resposta ao pedido da mulher samaritana, “Dá-me desta água,” Jesus manda que ela vá e traga seu marido. Qual é o significado deste estranho e abrupto comando? Nós devemos notar primeiro que a repetição do advérbio

> “aqui” (ἐνθάδε, Jo 4.15, 16) providencia uma conexão verbal entre a primeira parte da conversa de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4.7–15) e a segunda parte (Jo 4.16–26). Ela, que não queria vir “aqui” (Jo 4.15) ao poço de novo, é ordenada por Jesus a retornar para aquele mesmo lugar, “aqui” (Jo 4.16), com seu marido. Há, no entanto, uma mudança sutil de localização implícita no segundo ἐνθάδε. Na cabeça da mulher, “aqui” se refere ao local do poço de Jacó. Para Jesus, contudo, o “aqui”, do retorno da mulher, é o lugar de Jesus mesmo, como aquele que é a fonte da “água viva” (Jo 4.10). É, então, o próprio Jesus, que associa “água viva” com a imagem marital (“marido,” Jo 4.16), é que reinterpreta o local do poço como o lugar da sua própria pessoa e, dessa maneira, prepara para a transição dos locais de culto tradicionais àquele lugar que localizará um novo culto “em Espírito e Verdade” (Jo 4:23–24). (WEINRICH, 2015, p 487 – tradução nossa)

Em resposta à pergunta de Jesus de que ela trouxesse seu marido, a mulher samaritana respondeu: “eu não tenho marido” (Jo 4.17). A resposta rápida da mulher demonstra que a sua intenção era de no menor número de palavras encerrar este assunto, pois sua intenção era evitar entrar em discussão nesse lado sensível de sua vida, o qual possivelmente lhe envergonhava e lhe trazia sofrimentos (MORRIS, 1995, p. 234; CARSON, 2007, p. 222). Mas Jesus não admite este corte e mais uma vez escandaliza a mulher expondo toda a verdade sobre sua vida. Jesus lhe diz: “Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido” (Jo 4.17-18) (BOOR, 2002, p. 65). Interessante que na sua resposta Jesus não repreende a mulher: “estás mentindo”! Porém, da forma mais gentil, Jesus a elogia pela sua sinceridade ao responde-lo, mas ao mesmo tempo afirma que ela já teve cinco maridos e o homem com quem ela estava vivendo no momento não era seu marido (CARSON, 2007, p. 222).

Quando Jesus fala à mulher de seus cinco maridos, alguns exegetas interpretam esta resposta de Jesus alegoricamente, afirmando que os cinco maridos fazem referência aos cinco deuses trazidos para Samaria pelos povos pagãos em 2 Reis 17.24. Isto, em princípio, é impossível, pois devemos observar que os deuses mencionados em 2 Reis 17.24 não são cinco, mas sete (MORRIS, 1995, p. 235). Beasley-Murray (1987, p. 61) destaca que João não alegoriza desta maneira, por isso é muito melhor olhar a passagem no seu sentido literal, como uma declaração da vida da mulher, sobre os homens com quem a mulher tinha vivido e o homem com quem ela vivia no momento. Nesta conversa, o que é apresentado é o conhecimento divino de Jesus, o qual é destacado por João de tempos em tempos no seu Evangelho. Isto com certeza não reflete inteiramente a natureza divina de

Jesus, mas indica que lhe foi revelado tudo que era necessário para o seu ministério (MORRIS, 1995, p. 234).

Desta primeira seção exegética é possível extrair dentre outras verdades, que a face de Deus revelada por Jesus, no encontro com a mulher samaritana, é de um Deus acessível, acolhedor e perdoador. De um Deus amoroso que acima de tudo vai ao encontro de pessoas, às quais a conhecem por meio da Sua Palavra.

Na próxima seção, o foco será sobre os resultados deste encontro de Jesus com a mulher samaritana e possíveis decorrências na missão da igreja, tópico a ser estudado no capítulo dois.

1.3 REFLEXÕES EXEGÉTICAS DE JOÃO 4.39-42 E OS RESULTADOS DO ENCONTRO COM JESUS

O tópico da presente seção é examinar algumas das decorrências do encontro de Jesus com a mulher samaritana. Como pôde ser visto, nos versículos anteriores, toda a ação de Jesus fez parte de uma vontade divina expressa pelo Pai que o enviou (Jo. 6.38). Também deve ser destacado que todas as atitudes de Jesus além de romper barreiras culturais, tem como principal objetivo reconciliar toda a humanidade com Deus.

Mas esta atitude de Jesus não para por aí, devemos observar que todas estas atitudes de Jesus levaram a mulher a falar de Jesus ao seu povo. Pois:

> *Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito. Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias. Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra, e diziam à mulher: já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo. (Jo. 4.39-42)*

O testemunho da mulher samaritana ao seu povo deu efeito, pois mediante o testemunho dela muitos creram (Jo 4.39). Pode-se observar que o testemunho da mulher ao seu povo não incluiu apenas o que Jesus tinha dito tudo sobre a sua vida, mas todo o relato do contato entre ela e Jesus e que a narrativa apresenta. Isto nos

explica o porquê de os samaritanos insistirem para Jesus ficar com eles (Jo 4.40) (WEINRICH, 2015, p. 526). Quanto ao testemunho da mulher, Barclay destaca que:

> A mulher apresentou os samaritanos a Cristo. Aqui vemos bem claro a necessidade que Deus tem de nós. Como disse Paulo: "E como ouvirão sem haver quem pregue?" (Romanos 10.14). A palavra de Deus deve transmitir-se de um homem a outro. Deus não pode fazer chegar sua mensagem àqueles que jamais o ouviram se não houver alguém que o transmita (BARCLAY, 1955, p. 183).

Algo que também deve ser destacado nestes versículos, é que Jesus, ao falar com a mulher, já havia posto de lado todas as diferenças que existiam entre judeus e samaritanos. Mas, agora, os samaritanos lhe pedem para ficar, algo que Jesus não havia experimentado com o "seu povo" em Jerusalém. Após o relato da mulher os samaritanos não ficaram parados, mas quiseram ir ao encontro deste homem desconhecido que disse tudo sobre a vida da mulher. E ao encontrarem Jesus, pediram que ficasse com eles (Jo 4.40). Quanto ao pedido dos samaritanos para que Jesus ficasse com eles, Carson (2007, p. 232) destaca que isto atesta não somente o grau de confiança que Jesus tinha adquirido com aquele povo, mas que ao encontrarem com ele, eles estavam convictos de que Ele era o Messias prometido. Quanto a este pedido, Weinrich destaca que:

> As palavras deles nos remetem a inquirição dos dois discípulos a Jesus: "Onde permanecerás?" (Jo 1.38). Como nós observamos ao analisar aquela passagem, a linguagem de "permanecer" (μένω) não expressa meramente a ideia de hospedagem e refeição. É a linguagem do aprendizado pela qual alguém é tornado discípulo. Os dois discípulos chamaram Jesus de *"Rabi"* (Jo 1.38), isto é, eles buscaram a partir dele o ensino das Escrituras. O resultado daquela instrução foi uma confissão: "Nós encontramos o Messias!" (Jo 1.41). Nós podemos pressupor que um processo similar ocorreu entre Jesus e os samaritanos que vieram ao seu encontro. Por meio da própria palavra de Jesus ("por causa da sua palavra," διὰ τὸν λόγον αὐτοῦ) outras pessoas creram (Jo 4.41) (WEINRICH, 2015, p. 526 – tradução nossa).

O resultado desta estadia de Jesus com os samaritanos foi o aumento do número de pessoas que "creram nele, por causa da sua palavra" (BOOR, 2002, p 70). Contudo, deve-se destacar que mesmo para aqueles que creram, porque ouviram Jesus por si mesmos, houve alguma influência da mulher. Nenhum samaritano ficaria sabendo sobre Jesus naquele momento, se a mulher não tivesse testemunhado. Eles ficaram impressionados com o que ela disse a eles. Foi através

deste testemunho que o povo foi motivado a ir ao encontro de Jesus (MORRIS, 1995, p. 249).

Neste momento, o testemunho da mulher não continuou servindo como base da crença do povo, mas as palavras do próprio Jesus que eles agora ouviram. Não que Jesus ficou muito tempo com este povo, mas dois dias foram o suficiente para que o povo de Sicar percebesse por si mesmo que o testemunho da mulher estava certo. Agora eles mesmos puderam dar o testemunho a mulher que este (Jesus) é o Salvador do mundo[5]. Confissão esta que deve ser colocada ao lado das declarações sobre Jesus em João 1 (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 63). Painter (1991, p. 64) destaca que esta confissão é o ponto alto do final da história. Ela anuncia o resultado bem-sucedido da busca, não só da mulher e dos aldeões, mas também de Jesus em sua busca pelos verdadeiros adoradores. Quanto a esta confissão dos samaritanos, Weinrich destaca que:

> Por detrás deste simples relato há dois dias (Jo 4.40, 43) de instrução das Escrituras que Jesus fez ao povo. Também devemos observar que as alusões ao Antigo Testamento, adentraram na discussão de Jesus com a mulher (Jo 4.7–26), as quais também foram centrais na própria palavra de Jesus à população. De qualquer forma, como em Jo 1.41, também aqui havia um "ouvir" que resultou num "conhecer" que foi dado a expressão numa confissão: Jesus é "o Salvador do mundo" (Jo 4.42) (WEINRICH, 2015, p. 526 – tradução nossa).

Várias interpretações já foram dadas quanto ao título que os samaritanos deram a Jesus "Salvador do mundo", Koester (1990, p. 666), destaca que várias formas do título foram usadas por governadores romanos, desde Júlio César a Adriano, e outros imperadores posteriores. Por este motivo é que o título concedido a Jesus pelos samaritanos provavelmente reflete atitudes de sentimento anti-romano, que se tornaram prevalentes até o fim do primeiro século A.D. O fato de que os samaritanos saem para se encontrarem com Jesus (Jo 4.30) seria como um caso de populações visitando realezas e acompanhando-as até as suas cidades ou centros urbanos: "Por saírem de Sicar para se encontrarem com Jesus, convidando-o para a cidade deles, e chamando-o de 'salvador', os samaritanos deram a Jesus

[5] Importante destacar que no Novo Testamento, a confissão de que Jesus é o "Salvador do mundo" (σωτὴρ τοῦ κόσμου) ocorre somente aqui e em 1 Jo 4.14, onde fica em posição a Jesus como o Filho enviado a partir do Pai. Esta é a única ocasião em que o título "Salvador" é dado a Jesus durante o seu ministério terreno (cf. Lc 2.11). Na pregação apostólica, o título é muito mais frequente (Por exemplo At 13.23; Ef 5.23; Fp 3.20; Tt 1.4) (WEINRICH, 2015, p. 516 – tradução nossa).

uma recepção similar àquelas concedidas aos governantes visitantes" (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 65).

Contra este argumento quanto ao título dado a Jesus pelos samaritanos, algo que deve ser observado são os comentários que Jesus faz da vida particular da mulher nos versículos 17 e 18. Provavelmente este movimento da história também sugere que as declarações de Jesus sobre a vida pessoal da mulher possam antecipar a aclamação dos samaritanos de que Jesus é o "Salvador do mundo". Mesmo não fazendo parte do texto proposto para o presente trabalho, pode-se tomar o versículo 19, quando depois de Jesus ter revelada a situação da mulher, ela o identificou como um profeta (KOESTER, 1990, p. 675). Entretanto, deve-se destacar que estas interpretações são muito pouco prováveis neste Evangelho. Este sentimento anti-romano dificilmente pode estar presente no uso do título "Salvador" neste contexto. Podemos observar que ao longo do Evangelho João não demonstra interesse em atitudes políticas relacionadas a Roma ou aos romanos. E os samaritanos, que aclamaram que Jesus é o "Salvador", não foram os que vieram ao seu encontro, mas a aclamação foi feita pelos que vieram a crer por causa da palavra de Jesus. A sua confissão vem do ouvir Jesus e do conhecer por fé ("nós cremos" v. 42) (WEINRICH, 2015, p. 256-257).

> O título de "Salvador" (Jo 4.42), dado a Jesus pelos samaritanos, não faz nada além do que providenciar um título que o Evangelho mesmo já afirmou. O Filho foi enviado ao mundo "para que o mundo possa ser salvo por meio dele" (ἵνα σωθῇ ὁ κόσμος δι᾽ αὐτοῦ, Jo 3.17; cf. Jo 12.47). A salvação do mundo ocorre mediante o "levantar" ou a exaltação do Filho do Homem (Jo 3.14), isto é, por meio da cruz de Jesus, pois ele é o Cordeiro de Deus "que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Se, como nós temos julgado, os samaritanos vieram a aclamar Jesus como "Salvador" (Jo 4.42), à luz do seu ensino (Jo 4.41), então nós podemos muito bem assumir que, central ao seu ensino, era a necessidade da sua morte, porquanto a vida do mundo (cf. Jo 6.51), mesmo como o levantar da serpente no deserto, era necessário para que o rebelde Israel pudesse escapar da morte e viver (Nm 21.4–9; Jo 3.14–17) (WEINRICH, 2015, p. 257 – tradução nossa).

O Evangelho de João afirmou a Jesus como Salvador. Na ação do Messias com a mulher samaritana, suas palavras geraram conversão. Esta mulher foi levar a boa nova para seus conterrâneos e o resultado foi de mais conversões.

No próximo capítulo, o objetivo é explorar em que medida as lições até aqui obtidas podem auxiliar na reflexão missiológica e exegética da missão da Igreja no século XXI.

2 A AÇÃO DE JESUS COMO MODELO DA MISSÃO DA IGREJA NO SÉCULO XXI

O encontro de Jesus com a mulher samaritana no poço (Jo. 4.1-42), é uma das histórias mais queridas dos Evangelhos. Muitos encontram neste relato um excelente exemplo de evangelização ao alcance das pessoas (SCAER 2003, p. 4). Tentando responder à questão de como o texto do Evangelho de João 4 pode auxiliar-nos na reflexão da Teologia missionária da igreja hoje, desde já pode-se perceber que João põe em evidência o caráter missionário de Jesus (MANICARDI 2016, p. 203). Por meio do Evangelho de João, pode-se compreender que Jesus Cristo tem o ápice da sua missão em sua Encarnação, no seu ministério entre os homens, na sua morte vicária e na sua ressurreição (DUARTE, 2016, p. 121).

> O estabelecimento da missão de Cristo rompeu com paradigmas culturais e religiosos do judaísmo e da cultura do seu tempo, estabelecendo um novo paradigma cultural e religioso para a Igreja que se mostraria a partir dEle como Igreja Católica, e não sectária ou etnocêntrica como fora na nação judaica. (DUARTE, 2016, p. 124)

Erdman (1965, p. 42), diz que se pode observar que a história de Jesus e a mulher samaritana traz uma boa instrução de como a igreja pode desenvolver o seu papel missionário. No entanto, deve-se lembrar que é bastante difícil seguir o exemplo de Jesus em todos os sentidos, em ordem exatamente igual ao destacado na narrativa. Mas pode-se observar as atitudes que Jesus demonstrou com a mulher e o povo samaritano, as quais podem ajudar na tarefa missionária da igreja hoje.

Em primeiro lugar, pode-se observar que neste encontro é colocado em evidência a dimensão missionária da pessoa de Jesus, a qual já é destacada no

prólogo deste Evangelho, que é de revelar quem é o Pai. Desse modo, a missão de Jesus é dar a conhecer aquele que o enviou (ARAUJO, 2016, p. 238). Neste relato algo que é colocado em evidência é que “ver Jesus é ver Deus”, uma vez que a visão do Pai em João é somente através da presença palpável do Filho. Por isso a missão neste relato também pode ser vista da seguinte forma: “venha e veja” (4.29). Jesus é também aquele que ouve a voz do Pai e a pronuncia (LEE, 2010, p. 116-120). Portanto, é possível destacar que todas as ações de Jesus foram para apresentar a verdadeira face do Pai e seu amor por toda humanidade.

Neste relato também acontece a mais perfeita história de uma relação entre dois inimigos e cujo diálogo pode transformar a identidade de inimigos em pessoas amigas (MANICARDI 2016, p. 203). Os judeus e os samaritanos eram inimigos ferrenhos, eles se condenam mutuamente. Os samaritanos insistiram que estavam à direita de Deus, ou seja, se achavam os melhores, mas o povo de Jerusalém também fazia o mesmo. Mas interessante é a forma que Jesus trata desta inimizade na relação com a samaritana. Jesus resolve estas diferenças sem apoiar nenhum dos lados. Ele não apoia os samaritanos nem o povo de Jerusalém (LUTERO, 1957, p. 522).

Encontros com pessoas diferentes podem acontecer até a partir de necessidades comuns do dia a dia. A mulher samaritana foi ao poço tirar água e Jesus estava no poço para beber água. O que desenvolve esta aproximação não fica somente na busca pela água, mas na quebra do silêncio, na exposição de sua necessidade frente a alguém que para ele é desconhecido, fazendo do mesmo alguém que pode ajudá-lo. Cristo rompe o silêncio do encontro com um pedido que causa um certo tipo de espanto na mulher: “dá-me de beber (v. 7). Esta quebra de silêncio, além de provocar a compaixão pela declaração da sede, provoca simpatia por parte da mulher (ERDMAN 1965, p. 43; MANICARDI 2016, p. 203). Talvez na sua resposta a mulher estaria dizendo: "Eu ficaria feliz em dar-lhe uma bebida se você fosse um samaritano. Mas você é judeu, e os judeus nos consideram como um povo impuro e nos condenaram como hereges" (LUTERO, 1957, p. 525). A maioria dos judeus e samaritanos não comiam no mesmo prato nem bebiam no mesmo copo, por medo da contaminação que o outro podia lhe oferecer (DUARTE 2016, p. 125). A partir da resposta da mulher pode-se ver que Jesus não condena a mulher por esta diferença cultural, mas

> “quão gentilmente o Senhor lida com ela! Ele não a julga pelo que ela diz, mas continua: ‘Querida filha, é verdade que eu quero que você me dê uma bebida; Pois estou fisicamente cansado. No entanto, não estou apenas interessado em uma bebida para o meu corpo, estou procurando outra coisa. Estou procurando Samaritanos que possam me ouvir” (LUTERO, 1957, p. 525 – tradução nossa).

Pelo fato de Jesus ser um judeu e a mulher uma samaritana, indica que Jesus ultrapassa as barreiras culturais que separavam este grupo dos judeus, este povo era considerado pelos judeus um povo impuro o que afastava qualquer tipo de relacionamento com os samaritanos (SCAER 2003, p. 4).

Jesus, o homem santo e judeu, ultrapassa todas estas regras e não só passa por este território, mas se encontra com um “pecador”, a mulher samaritana. Ao longo da história, Ele quebra as barreiras de santidade, etnia, gênero e religião. E acima de tudo, oferecendo o dom da salvação para a mulher samaritana “pecadora”, Jesus mostra que a salvação é para todos, não somente para um determinado grupo de pessoas (SCAER, 2003, p.4).

> A dinâmica deste encontro é interessante. Quando a identidade de uma pessoa está totalmente desapropriada na sua pertença étnica (e/ou religiosa), o outro não é mais um rosto, um nome, uma história e um desejo, mas simplesmente o membro de uma entidade diferente e, por conseguinte, inimiga: “você é judeu, eu uma mulher samaritana” (Jo 4.9). (MANICARDI 2016, p. 203)

Neste texto Jesus é apresentado não só como aquele que quebra barreiras entre pessoas de classes sociais diferentes, mas também é aquele que quebra barreiras entre Deus e o homem (SCAER, 2003, p.4). Jesus, ao iniciar um diálogo com uma mulher samaritana, quebra toda e qualquer forma de padrão imposto pela sociedade, a qual vê o outro não como pessoa, mas como mais uma categoria. Jesus, ao quebrar o silêncio e o preconceito presente na relação entre o povo judeu e samaritano, desenvolve uma relação de confiança (MANICARDI 2016, p. 203).

> Jesus vence a distância direcionando a palavra para a mulher: este risco cria a premissa do *diálogo*, que começa quando a mulher é apanhada de *surpresa* por este fato inesperado: não há nenhum comportamento em

> Jesus que reflita os preconceitos que os judeus tinham para com os samaritanos. (MANICARDI 2016, p. 203 – grifo do autor)

Pode-se perceber com este episódio, que diferenças étnicas não fazem parte do pensamento de Jesus e não interferem em sua missão acolhedora, pois a face do Pai, “não faz acepção de pessoas” (Atos 10.34). Além disso, nas várias vezes em que foi interrogado sobre qual a sua identificação étnica, Jesus diz que seu reino “não é deste mundo”[6]. Para Jesus estas diferenças étnicas simplesmente não existem e o que importa é que o reino de Deus se faça presente em Cristo, o qual é reflexo da glória do Pai (MANICARDI 2016, p. 204).

É importante destacar que ao ficar escandalizada com a atitude de Jesus, a mulher agora também se vê diante de um dilema: deveria ela aceitar a realidade imposta por parte dela mesma e também derrubar os muros étnicos? Pois ao aceitar a proposta do diálogo a samaritana também romperia com as regras impostas pela sua sociedade a qual vivia (SIQUEIRA 2013, p.14). Mesmo nesta “quebra de gelo” a mulher inicia seu diálogo como porta-voz do seu povo, onde a sua reação após ser surpreendida pelo pedido de Jesus, levanta a questão das diferenças culturais que existiam entre eles perguntando: “como sendo tu judeu, pedes de beber a mim que sou samaritana? (4.9) (KOESTER 1995, p.48). Mesmo ao ser apresentado pela mulher as suas diferenças culturais e religiosas, o discurso não se desenvolve de modo ofensivo. Mas o discurso se desenvolve de modo que o diálogo é mantido entre pessoas de confissões diferentes, de modo que estas diferenças não atrapalhem no desenvolvimento do diálogo (DUARTE 2016, p.126).

Ao ser estabelecida a confiança recíproca, o diálogo inicia com Jesus conduzindo a mulher a falar de sua vida, de sua história pessoal, de sua religiosidade. Mesmo quando Jesus a pediu que chamasse o seu marido, suas palavras provavelmente trouxeram bastante constrangimento e medo para mulher. A sua vida era mal vista por todos e talvez este era um dos motivos que ela viera buscar água naquela hora quente do dia, pois queria evitar qualquer tipo de constrangimento (WEINRICH,2015, p. 488). Mas algo inesperado acontece. E mais uma vez ela fica surpresa, o “estranho” judeu mesmo colocando em evidência que conhece a sua condição moral, fala com ela e não a condena. Mesmo ao apresentar

[6] Um exemplo seria Jo 18.36 quando Jesus é interrogado diante do procurador da Judéia.

sua vida conturbada, em nenhum momento a mesma se sentiu desprezada ou humilhada por parte de Jesus, ao invés de deixa-la sozinha em seu sofrimento, a qual buscava por uma saída, Jesus a acolhe (SCAER, 2003, p. 5).

> “o empenho de Jesus não se dirige em primeiro lugar a retrair a mulher de sua vida pecaminosa, mas a torná-la mais sensível à sua revelação: “quer conduzir a mulher à fé nele [...]De forma contrária à tradição, que condenava e excluía, Jesus se apresenta com alternativas de mudança, e, sem se importar com as concepções tradicionais e a situação moral da mulher, insiste piamente no diálogo” (SIQUEIRA, 2013, p. 15).

Talvez este foi um dos motivos que o levaram a expor sua diversidade religiosa em relação ao “judeu Jesus” (Jo 4.19-20) (MANICARDI 2016, p. 204). O importante naquela hora foi ouvir e neste caso, Jesus

> [...] não estigmatiza nem condena, mas interpreta tanto os judeus quanto os samaritanos, “nós” e “vós”, à luz do *Terceiro*, o Reino de Deus, do Deus que é de ambos. Destarte ocorre o encontro: e, talvez, a verdadeira sede é a sede do encontro (conforme o relato, nem a mulher tira água nem Jesus bebe). Jesus se doa como Messias e a mulher, e os samaritanos com ela, confiam em Jesus e acreditam nele como o salvador do mundo” (Jo 4,39-42). (MANICARDI 2016, p. 204 – ênfase do autor)

Outro detalhe interessante a ser destacado é a forma que Jesus se apresenta à mulher, demonstrando quem realmente Ele é. A história de Jesus com a mulher samaritana é na verdade, uma história que contêm uma conversa entre duas pessoas, na qual Jesus se revelou através de palavras. Jesus liderou o diálogo com a mulher a partir de uma discussão de água, à água da vida, e de uma discussão de adoração à revelação de quem Ele é, de fato, o Messias prometido, o Cristo (PINTO, 2014, p. 39).

> O diálogo entre Jesus Cristo e a mulher samaritana perpetuou na ação missionária que ela assumiu perante seus patrícios. Diferente de outros momentos de igual relevância, em que o modo de proclamação do Evangelho foi um anúncio com grande estrondo, nesse episódio histórico, o Evangelho é inserido, quase construído à medida que a mulher samaritana tem a sua fé despertada (DUARTE, 2016, p. 126).

Interessante ainda é ressaltar que a mulher, ao falar com o seu povo, não levou os samaritanos a olhar para ela ou para alguma estrutura religiosa, mas levou o povo a olhar para Cristo, o qual havia apresentado a verdadeira face do Pai. Os samaritanos começaram a crer em Cristo quando ouviram a história da mulher,

especialmente quando ela falou no seu relato do pequeno milagre que acontecera com ela: “Ele me disse tudo que tenho feito” (Jo 4.39). No entanto, deve ser observado que este relato da mulher foi somente o início. Os samaritanos não chegaram a uma crença mais profunda por causa do relato da mulher, nem por causa dos milagres de Jesus, mas por causa do seu ensino e da Sua Palavra (Jo 4.41-42) (SCAER, 2003, p. 10).

> Quando Cristo pregou tão eloquentemente, ela foi convertida, juntamente com toda a cidade. O povo abriu os portões da cidade para Ele, o recebeu com alegria e mostrou-lhe toda bondade. Ele permaneceu com eles durante dois dias, e eles queriam mantê-lo mais tempo no meio deles (LUTERO, 1957, p. 522 – tradução nossa).

Pois assim como Jesus se revelou através da Sua palavra à mulher, ao mesmo tempo esta palavra não ficou somente com a mulher, mas ela a levou ao seu povo. Jesus ensinou à mulher através do seu diálogo com ela no poço, da mesma forma Jesus ensinou o povo samaritano durante os dois dias que esteve com eles. E a partir desse ensino, o povo confessou Jesus como o “Salvador do mundo” (Jo 4.42). (SCAER, 2003, p. 10-11).

Pode-se destacar que através do seu ensino, houve uma mudança na compreensão do povo samaritano, ao chamarem Jesus de “Salvador do mundo” e que nesta expressão de fé do povo, existe um contraste com a ignorância antiga deles (WEINRICH, 2015, p. 516). Eles anteriormente adoravam o que não sabiam, mas finalmente através do ensino de Jesus, finalmente chegaram a conhecer quem realmente Jesus é. Ao chamar Jesus de “Salvador do mundo”, os samaritanos não somente conheceram Jesus (οἴδα v.42), mas que a salvação não é só dos judeus, é para todos (KOESTER, 1990, p. 668).

Algo bastante interessante é que o capítulo 4 de João é o único entre os quatro Evangelhos, que apresenta a compaixão e a paciência de Jesus em lidar com uma samaritana e seu povo. Quanto a isso, Beasley-Murray (1987, p. 66) destaca que confissão do povo samaritano “este homem é na verdade o Salvador do mundo”, é decorrente da paciência de Jesus unida com a vontade de ensinar uma comunidade “estranha”. Com certeza, João quer destacar esta quebra de muros entre judeus e samaritanos, como Lucas destacou o evangelismo de Filipe em Samaria (At 8.4-8): um passo importante na missão da Igreja para o mundo.

2.1 O EXEMPLO DE JESUS EM SEU “ESVAZIAMENTO”

Um dos detalhes importantes nesta obra de Jesus com a mulher samaritana foi seu esvaziamento. Para realizar a sua tarefa missionária desempenhada pelo Pai que lhe enviou, Jesus:

> se limita a nascer humano, de um único povo e viver entre um povo pecador para atingir a humanidade de todos os tempos, lugares e etnias. Como humano, e de humanidade plena e totalmente santa como nenhum outro homem jamais exerceu, expandiu a sua humanidade mesmo com as limitações humanas, como cansaço, sede, fome, sono, para que a sua divindade plena e integral fosse reconhecida em sua pessoa una Jesus Cristo (Fp 2. 6-11), verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus (Catecismo da Igreja Católica apud DUARTE, 2016, p. 124).

Buscando o exemplo de Jesus como modelo de missão, pode-se enfatizar que para desenvolver a sua estratégia missionária, Jesus se esvazia a tal ponto que chega a pedir ajuda à mulher, estrangeira e imoral: “estou com sede dá-me de beber” (v 7). Com este pedido, pode-se ver pontos importantes que Jesus realizou quanto ao seu esvaziamento (BAYLEI 2016, p. 204-205).

Primeiramente, Jesus quebra uma barreira social, algo que era extremamente observado pelo povo da época, em que um homem não podia conversar com uma mulher, especialmente em lugar desabitado e sem nenhuma testemunha (BAYLEI 2016, p. 205). Deve-se notar que Jesus não transgrediu apenas o costume judeu, mas a lei, quando interage com uma mulher samaritana (MACCINI 1994, p.38), pois até os discípulos quando voltaram da cidade onde foram comprar pão, também interpretaram mal a situação, pois para eles a questão problemática não era só por Jesus estar falando com uma samaritana, mas com uma mulher. Talvez este foi o motivo dos discípulos ficarem escandalizados, apesar de terem medo de desafiá-lo sobre o assunto (SCAER 2003, p.7, SIQUEIRA p. 17).

Jesus ignora totalmente o atrito que existia entre judeus e samaritanos, pelo contexto histórico e cultural pode-se observar que, em hipótese alguma, judeus e samaritanos se misturavam, pois eram povos inimigos. Portanto, nenhum diálogo deveria acontecer entre pessoas destes povos. Jesus, ao iniciar o diálogo, não demonstra conformismo com o preconceito de sua época (SIQUEIRA 2013, p.13).

Jesus se humilha tanto a ponto de precisar dos serviços da mulher. De início ele não estabelece a relação explicando que ela precisa dele e de sua mensagem. Isso vem depois. Em vez disso, suas primeiras palavras são: “estou com sede, dá-me de beber” (BAYLEI, 2016, p. 205). Pode-se observar a ironia da cena: Jesus se coloca em uma posição de inferioridade, de total dependência da ajuda da mulher, pois ela possui um “cântaro”, Jesus sendo aquele que oferece a água da vida, no entanto, não possui nem um “baldinho” (ARAUJO 2016, p. 241).

> Um bebê em uma manjedoura é um exemplo de alguém que vem necessitado daqueles para quem ele veio. A encarnação confirma esta teologia profunda. Mesmo aqui com a mulher, já adulto e envolvido no ministério, Jesus põe em prática esta mesma teologia. Seu pedido é genuíno. Ele tem sede e não tem uma vasilha de couro (BAYLEI, 2016, p. 206).

Ao longo da narrativa bíblica percebe-se que Jesus estava pronto para servir e seu auto esvaziamento foi tão completo que ele precisou ser servido (BAYLEI 2016, p. 207).

No seu esvaziamento Jesus eleva a autoestima da mulher. A dignidade da mulher é afirmada quando ela é convidada a ajudar Jesus com os recursos que ela tinha à disposição (BAYLEI 2016, p. 207). Jesus, ao pedir ajuda, ultrapassa todos os limites que a mulher poderia imaginar e a mulher se vê valorizada frente a um judeu, uma vez que a maioria dos judeus e samaritanos não comiam no mesmo prato nem bebiam no mesmo copo, por medo da contaminação que o outro podia lhe oferecer (DUARTE 2016, p. 125).

2.1 A MISSÃO DE JESUS E A ADORAÇÃO EM ESPÍRITO E EM VERDADE

Ao longo de toda a narrativa, pode-se perceber que o próprio ensino de Cristo e seu ato evangelístico tem como objetivo levar o crente à fé e consequentemente uma vida de culto[7]. Para João isto não começa quando

[7] Talvez poderia se perguntar o que o culto tem a ver com evangelismo? Scaer diz que não temos como separar o evangelismo do culto, pois eles formam um CONTINUUM NATURAL, onde um leva ao outro (SCAER 2003, p. 4).

morremos ou quando Jesus voltar, mas o mesmo se desenvolve na vida do crente já neste mundo (SCAER 2003, p. 4). Se o apóstolo João descreve o céu como uma festa de casamento onde Jesus é o noivo e a igreja sua noiva, não precisa se ficar surpreso que no seu Evangelho ele descreve a ação evangelística de Jesus como um tipo de namoro que leva ao casamento, ou seja, a missão que leva o crente a uma vida de adoração. Muitas vezes esta imagem que o texto oferece sobre o relacionamento entre a missão e a adoração não é destacada e não recebe a atenção necessária (SCAER 2003, p. 5).

> A palavra grega para o culto, "proskinéo", aparece dez vezes em cinco versículos. Notavelmente, o próprio pulso, o foco do evangelismo de Jesus com a mulher samaritana está centrado em uma discussão de adoração, onde o evangelismo e a adoração se cruzam e se sobrepõem (SCAER 2003, p. 7 – tradução nossa)

Ao olhar para a própria narrativa de João 4, ela pode se comparada a diversas histórias de romance que são relatadas no Antigo Testamento, pois, no poço, nos tempos do Antigo Testamento era o lugar onde se desenvolviam várias histórias de namoro[8]. Por este motivo, quando João afirma que o lugar do encontro foi um poço que pertencia a Jacó, este ponto não apenas é uma localização geográfica, mas leva para um tipo de história de relacionamento (KOESTER 1995, p. 48; MACCINI 1994, p. 38). Mas, diferente das histórias de namoro em volta do poço, esta história fornece uma outra dimensão. Jesus tinha outras intenções com este encontro, pois estava procurando mais que um casamento terreno, estava querendo mostrar uma outra realidade à mulher. Jesus queria levar a mulher a outro tipo de casamento e leva-la, não só ela, mas também o seu povo à verdadeira adoração (SCAER 2003, p. 6). Também quanto a este relacionamento com a mulher e o povo samaritano, pode ser destacado que:

> Esse contato entre Jesus e a mulher samaritana não imergiu os samaritanos na religiosidade judaica (ação proselitista), mas realçou o diálogo de uma nova aliança com base única na pessoa do Messias, Jesus Cristo, que, por sua vez, é o cumprimento das promessas de Deus Pai para todos os povos da terra". (DUARTE, 2016, p. 122)

[8] Esta ação de Jesus é comparada com os namoros do Antigo Testamento que tinham seu início na beira de um poço. Ex. Isaque e Rebeca(Gn. 24), Jacó e Raquel (Gn. 29), Moisés e Zípora (Ex. 2)

O culto que Jesus lhe apresenta não está limitado a um determinado espaço geográfico, nem a uma estrutura física, mas ele (Jesus Cristo), é o verdadeiro templo de Deus. Ao falar desta maneira, Jesus preparou a mulher para o verdadeiro culto, onde não há necessidade de um espaço determinado, pois os crentes sempre permanecem na presença de Deus e do Cordeiro, independente do lugar em que estejam (SCAER 2003, p. 9).

> A questão da discussão entre a mulher samaritana e Jesus não era sinceridade de coração, mas a localização de Deus. Onde Deus pode estar? Onde ele pode ser encontrado, para que Ele possa conceder suas bênçãos, mesmo quando o oferecemos a nossa adoração? João gostaria que soubéssemos que existe uma verdadeira geografia de adoração, onde o seu centro de adoração está na pessoa de Cristo. Nosso Senhor é o lugar onde se encontra e se adora Deus (SCAER 2003, p. 9 – tradução nossa).

Pode-se observar ainda que Jesus é o verdadeiro lugar da presença de Deus. Estar na sua presença é estar em um espaço sagrado e num lugar de culto. Por isso, esta perícope do Evangelho de João mostra que Jesus é o próprio objeto de adoração. Assim, através do seu evangelismo com a mulher samaritana, Jesus também a preparou para o culto, onde a adoração ocorre através dele como mediador entre Deus e seu povo (SCAER 2003, p.11).

Pode se destacar que mesmo que a história tenha um caráter de um relacionamento de namoro dos tempos do Antigo Testamento, onde Jesus é o noivo e a mulher samaritana é a noiva, Scaer (2003, p. 17) lembra que se é levado a entender que para ver Jesus como noivo, devemos estar na posição de noiva, ou seja, fazer parte da igreja.

> Muitas vezes, o evangelismo abraça Jesus, mas ignora a igreja. Muitas vezes, o evangelismo é um produto do qual é chamado de “PARA-IGREJA”. No entanto, João gostaria que conhecêssemos o evangelismo que conduz diretamente para a igreja, onde Jesus se faz conhecido na Palavra e nas realidades sacramentais. Portanto, em nosso evangelismo e ensino, não devemos apenas levar as pessoas a um chamado relacionamento com Jesus, mas devemos levá-los para a igreja, o mesmo lugar onde Cristo se faz presente e oferece seus dons e expressa seu amor íntimo por nós. (SCAER 2003, p.17 – tradução nossa)

Desta forma, o ensino de Jesus foi evangelístico para a mulher, mas também é para a igreja hoje. Jesus ao se apresentar quem verdadeiramente ele é, conduz para realidades profundamente sacramentais em que ele se faz conhecido. Da mesma forma, Jesus conduz os crentes à igreja, não como uma estrutura física, uma instituição separada de Cristo, mas como o próprio lugar onde ele é o centro e onde ele se dá por cada um por meio dos sacramentos e onde o culto eterno começa (SCAER 2003, p.18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objeto de estudo o capítulo 4 de João, tendo como principal objetivo analisar e desenvolver uma reflexão teológica em torno da narrativa de Jesus e a mulher samaritana. E a partir desta análise tirar lições e reflexões para a missão da Igreja do século XXI.

Os resultados desta pesquisa apontam para o fato de que este capítulo de João não foi somente evangelístico para sua época de escrita, mas que também pode ser usado na missão da igreja hoje. Ao longo de todo o texto percebe-se que toda ação desempenhada por Jesus tem como principal objetivo demonstrar quem Ele é, e ao mesmo tempo que Jesus é conhecido, ocorre a evangelização.

O que chama a atenção no primeiro capítulo e que é bastante significativo, é que todas as ações de Jesus fizeram parte de uma vontade divina, a qual é expressa em todas os atos de Jesus neste capítulo. Jesus, ao entrar em um território estrangeiro, demonstra o aspecto missionário do texto. Ao pretender ir a Samaria, Jesus não apenas quer chegar mais rápido à Galileia, mas o texto bíblico mostra que tem algo a mais. Com esta atitude de Jesus, além de romper qualquer barreira cultural que separava estes dois povos, Jesus apresenta o motivo dele estar ali. Jesus quer mostrar não somente para aquele povo que o recebeu, mas também para os judeus, que esta sua atitude tem algo a mais, na qual tem como principal objetivo reconciliar toda a humanidade com Deus.

Também pode ser destacado que a partir da ação de Jesus com a mulher samaritana, a missão continuou. Todas as atitudes de Jesus levaram a mulher a falar de Jesus para o seu povo. Interessante destacar, que Jesus em nenhum momento desenvolveu uma espécie de proselitismo, mas apenas apresentou a verdadeira face do Pai e quem Ele é. Da mesma forma, em nenhum momento a mulher ao falar com o seu povo trouxe a glória para ela ou para uma determinada estrutura, mas que todas as suas ações com os samaritanos apontaram para Cristo e o levaram para Cristo.

No segundo capítulo o alvo foi responder às questões de como se pode usar o exemplo de Jesus na missão da igreja hoje. E o que fica bastante evidente é que em nenhum momento, Jesus fez algo extraordinário para levar estas pessoas à fé,

mas apenas as suas atitudes e as suas palavras fizeram com que a mulher e o seu povo vieram a crer nele como o “Salvador do mundo”.

Ao se relacionar com a mulher e os samaritanos, Jesus esquece qualquer tipo de preconceito que podia interferir no seu convívio. Assim como o povo da época de Jesus, vivemos em um tempo onde preconceito é algo que está muito presente na sociedade em geral, onde várias pessoas são vítimas de diversas formas de discriminação, seja cultural, religiosa ou social. Nestas situações pode-se usar muito bem o exemplo de Jesus para contribuir na reflexão e na busca por superação de toda espécie de discriminação ou preconceito.

Jesus ultrapassa qualquer tipo de padrão imposto pela sociedade da época que poderia interferir no seu diálogo com a mulher samaritana. Ao invés de incrimina-la pela sua situação moral e religiosa, Jesus a acolhe, e à medida que Jesus avança e rompe com as barreiras do preconceito moral e religioso, a samaritana aumenta sua capacidade de compreensão. Ao longo da narrativa esta progressão é percebida quando no início do discurso, Jesus é considerado apenas um judeu e ao término da narrativa, o povo o aclamou como “Salvador do mundo”.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Gilvan Leite. *Jesus e a Samaritana.* Revista de Cultura Teológica. PUC São Paulo, v. 24, n°: 87, p. 231-249, jan./jun. 2016.

BAILEY, Kenneth E. Trad. Carlos E. S Lopes. *Jesus pela ótica do Oriente Médio:* estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BARCLAY, John William. *The Gospel of John*. Trad. Carlos Biagini - O Novo Testamento citado por William Barclay. Trinity College, Glasgow, Escócia, Maio, 1955.

BEASLEY-MURRAY, George R. *World Biblical Commentary: John.* Waco: Word Books, 1987.

BOOR, Werner de. Trad. Werner Fuchs. *Evangelho de João: comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

Bíblia de Estudo da Reforma. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BLIESE, Richard H; GELDER, Craig Van. *The evangelizing church:* a Lutheran contribuition. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2005

BRIGHT, John. Trad. Euclides Carneiro da Silva. *História de Israel.* São Paulo: Paulinas, 1978.

CARSON, D. A. Trad. Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral. *O comentário de João.* São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

DUARTE, Jedeias. *A Missão de Cristo: Encontro com a Humanidade e Desencontros com a Cultura Religiosa*. Reveleteo: Revista Eletrônica Espaço Teológico. PUC São Paulo, v. 10. n°: 17, p. 120-128, jan./jun, 2016.

ERDMAN, Charles R. Trad. D. A. M*. O Evangelho de João.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1965.

HAACKER, K. *Samaritano,* in Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. BROWN, Colin e COENEN, Lothar. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000

KOESTER, Craig R. *Symbolism in the Fourth Gospel: meaning, mystery, community*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

_____ *The Savior of the World.* Journal of Biblical Literature. Luther Northwestern Theological Seminary, St. Paul, v. 109, n°.4, p. 665-680, inverno de 1990.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica.* São Paulo: Atlas, 2010.

LASOR, William, HUBBARD, David A., BUSH, Frederic W. Trad. Lucy Yamakami. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEE, Dorothy. *The Gospel of John and the Five Senses.* Journal of Biblical Literature. Australia, v. 129, n°. 1, p. 115-127, primavera de 2010.

LIMA, Anderson de Oliveira. *O Casamento de Jesus:* Enredo do Antigo Testamento na Construção da Narrativa de João 4. Revista Horizonte. Belo Horizonte, v. 8 n°. 19, p. 130-143, out./dez. 2010.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus interpretes:* uma breve história da interpretação. 3. Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LUTERO, Martinho. Trad. Jaroslav Pelikan. *Luther's Works: Sermons on the Gospel of the John. Chapters 1-4.* Saint Louis: Concordia Publishing House, 1957

MACCINI, Robert Gordon. *A Reassessment of the Woman at the Well in John 4 in Light of the Samaritan Context.* Journal for the Study of the New Testament. V. 53, p. 35-46, mai. 1994.

MANICARDI, Luciano. *Jesus de Nazaré e os estrangeiros.* REMHU – Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. Brasilia, v: 24, n°.46, p. 198-204, jan./abr. 2016.

MORRIS, Leon. *The Gospel According to John Revised*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, 1995.

NEWBIGIN, Lesslie. *The open secret:* an introduction to the theology of mission. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, 1994.

ÖBERG, Ingemar. Trad. Dean Apel. *Luther and world mission:* a historical and systematic study with special reference to Luther's Bible exposition. Saint Louis: Concordia Publisching House, 2007.

PAINTER, John. *Quest Stories in John 1-4.* Journal for the Study of the Old Testament. Australia, v. 41, p. 33-70, jun. 1991.

PINTO, Sionite Sandra Portugal Frizzas. *Água da Vida e seus Simbolismos na Perspectiva do Evangelista João:* "O Diálogo de Jesus com a Samaritana". JOINTH – Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades. PUCPR, 2014

SIQUEIRA, Felipe Bagli. *O Convívio com os Diferentes:* um Desafio para a Inclusão à Luz de João 4. Discernindo – Revista Teológica Discente da Metodista. São Paulo, v.1, n°. 1., p. 7-21, jan./dez. 2013.

SCAER, Peter J. *Jesus and the Woman at the Welk Where Mission Meets Worship.* Concordia Theological Quarterly. Fort Wayne, Indiana, v. 67, n°. 1, p. 3-18, jan. 2003.

SCHULZ, Klaus Detlev. *Mission from the cross:* the Lutheran theology of mission. Saint Louis: Concordia Publisching House, 2009.

STOLLE, Volker. Trad. Klaus Detlev Schulz e Daniel Thies. *The church comes from all nations:* Luther texts on mission. Saint Louis: Concordia Publisching House, 2003.

VALLESKEY, David J. *We believe* – therefore we speack. Milwaukee, Wisconsin: Northwestern Publisching House, 1995.

VICEDOM, Georg. Trad. Ilson Kayser. *A missão como obra de Deus:* introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

VORLÄNDER, H. Mulher, in Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. BROWN, Colin e COENEN, Lothar. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000

WEINRICH, William C. *John 1:1-7:1*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2015.